

Entrevista com o Ernesto Luiz de Oliveira Júnior

Entrevistadores: Hiro B. Kumasake (Unicamp/CLEHC)

Luitgard O.C. Barros (UFRJ/IFCS)

Rio de Janeiro, 8 de março de 1988.

Hiro - Prof. gostaria que o Senhor falasse para nós da sua formação. É filho também de um batalhador pela causa, pelo menos do ensino laico no Brasil, que foi o seu pai.

Ernesto - Meu pai, é um dos fundadores da Universidade, sem dúvida do Paraná, e é o primeiro professor por concurso da Universidade, de modo que o retrato dele está no primeiro lugar lá na sala da Congregação. E foi na mesma lá no Paraná, em Curitiba, que eu fiz o meu curso de Engenharia, aliás toda a minha Educação se deu no Paraná, eu fiz o ensino secundário também, foi feito no Ginásio Oficial de Curitiba. É interessante que eu sou de São Paulo, Campinas. Da cidade de Campinas, mas meu pai mudou-se para o Paraná onde foi secretário da Agricultura, de modo que eu peguei tanto o ensino médio e superior lá em Curitiba. E meu pai teve o bom senso que quando chegou a ocasião de cursar o ensino médio, me matriculou em uma Escola Alemã; de modo que eu fiz meu curso primário em alemão, extravagante né?

Luitgard - Não, bem próprio.

Ernesto - Mas o senhor não faz idéia como isso foi útil na vida porque aos 11 anos de idade eu dispunha de três línguas, eu falava inglês, francês e alemão. Eu falava alemão como um menino alemão, todo o meu curso primário foi feito em alemão. Nós tínhamos aula de português em alemão.

Luitgard - E a Faculdade de Engenharia, o Senhor fez em que especialização?

Ernesto - Engenharia Civil.

Luitgard - Qual era o nome da faculdade.

Ernesto - Escola de Engenharia da Universidade do Paraná.

Hiro - O Senhor fala de alguém em particular na infância de sua formação?

Ernesto - A presença de meu pai é muito marcante, que ele era um homem muito, tinha suas idéias que eu julgava acertadas e lutava por elas.

Hiro - Ele era professor de ?

Ernesto - De matemática, de modo que e por este lado que a coisa caminhou.

Luitgard - Que tipo de idéias demarcava a vida dele?

Ernesto - Eu não compreendi bem?

Luitgard - Que tipo de idéias o Senhor considera mais marcante que ele passou para o Senhor ?

Ernesto - É esse desejo e esse interesse pela educação que nunca me abandonou, porque eu me formei em engenharia civil, mas na verdade, trabalhei em Engenharia Civil. Eu fui professor (?) o tempo todo, depois de formado, eu vim para São Paulo onde tive a oportunidade de trabalhar na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, que, sem dúvida alguma era a melhor Escola de Engenharia do Brasil nos tempos que eu lá estive.

Hiro - Como foi o seu ingresso lá para ser professor?

Ernesto - 1930.

Hiro - Como se compôs o ingresso como professor?

Ernesto - Houve o seguinte: eu trabalhava em uma grande empresa em Osasco quando terminou o serviço lá para mim em Osasco, em Engenharia Civil, o trabalho não era tão importante era um trabalho de regularização de terreno e preparação do terreno para uma grande fábrica de vagões que existe hoje em Osasco. Quando o serviço terminou, abriu-se concurso para cátedra de matemática no Ginásio de Estado em Campinas. O qual o meu pai tinha sido professor 27 anos antes, onde eu fiz concurso e ingressei no ensino acadêmico, no concurso ginásial, 2º ano, daquele célebre colégio Culto à Ciência. Em São Paulo haviam três ginásios que eram afamados. Mas eu só fiquei lá alguns anos. Logo tive a oportunidade de vir para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP que funcionava junto a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, aí foi o caminho natural que me trouxe até lá. Quando o Ministro Capanema resolveu fundar a Faculdade de Filosofia aqui no Rio de Janeiro, eu fui convidado pelo Ministro Capanema e mudei-me para cá.

Luitgard - O Senhor o conhecia ou ele conhecia o seu mérito?

Ernesto - Não. Lá o entendimento foi mais através do Prof. Luiz de Cantapieri, um daqueles professores que o governador Armando de Salles de Oliveira contratou para fundar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Foi o prof. Cantapieri que me

recomendou, de modo que eu mudei para o Rio de Janeiro e aí fiz concurso para a Faculdade Nacional de Filosofia na qual eu fui catedrático até a minha (?)

Luitgard - Qual é o ano que (?) sua entrada?

Ernesto - 1939. Quando o Capanema organizou a Faculdade na sua (?)

Luitgard - O Senhor se lembra da composição da congregação dessa época?

Ernesto - Não, não me lembro mais nada. Eu tive um derrame cerebral de modo que isso me prejudicou muito a memória. Eu não me lembro do nome de meus colegas, nem me lembro do nome dos reitores todos que tive durante esse tempo. Só sei que nunca me afastei da profissão de professor. A isso dediquei minha vida, meu ideal e é o motivo que me trouxe inclusive aqui ao Rio de Janeiro. Consegui interessar ao Presidente da República esses programas, que é principalmente no chamado setor tecnológico. Eu sou um setor dos organizadores, eu pertenco ao grupo que organizou e implantou o Centro Técnico de Aeronáutica de São José dos Campos. Isso é o que me colocou realmente...

Hiro - O Senhor era funcionário da Aeronáutica?

Ernesto - Aposentado.

Hiro - Não, naquela época na década de 40, o Senhor era funcionário do Ministério?

Ernesto - Não, eu era contratado.

Hiro - O Senhor era contratado para esse projeto?

Ernesto - Para esse projeto.

Luitgard - Como é que o Senhor se aproximou a ponto de viver essa idéia tão boa? Como surgiu essa idéia? Qual era o grupo que elaborava essa discussão?

Ernesto - Havia em São Paulo no Campo de Marte uma Base da Força Aérea, que era dirigida então naquele tempo pelo Capitão Casimiro Montenegro Filho. Esse homem é realmente notável, oficial da Aeronáutica, percebeu perfeitamente que não bastava pilotar os aviões e sair voando por aí, fazer correios aéreos do qual ele era o primeiro piloto a voar, primeira carta do correio aéreo foi Montenegro que levou do Rio de Janeiro para São Paulo. Precisava ter muito mais do que isso, por que a infra-estrutura na aeronáutica era uma infra-estrutura de base científica. Então, entrando em contato com colegas dele que estudavam nos Estados Unidos, ele teve informações a respeito de um homem eminente chamado Prof. Richard Smith. Era um americano que trabalhava vários anos na Alemanha e que se dedicou especialmente ao ensino da engenharia. Eles então quiseram entrar em contato com

o prof. Richard Smith e trouxeram-no para examinar a situação da aeronáutica no Brasil. Foi Richard Smith que propôs ao Montenegro que não bastaria criar apenas uma escola para engenharia. Afinal de contas lá em São Paulo, mas que era muito melhor toda uma organização que pudesse repercutir sobre o meio civil. Foi assim que o Casimiro Montenegro Filho, que era um homem muito inteligente, percebeu a importância que este centro técnico de aeronáutica poderia ter.

Luitgard - Essas discussões eram em São Paulo ou aqui no Rio?

Ernesto - Em São Paulo e aqui no Rio de Janeiro. Eu já era professor da Faculdade de Filosofia, mas um professor um pouco desapontado, porque em São Paulo eu tinha regime de tempo integral. Lá na Politécnica era uma das poucas escolas que tinha regime de tempo integral, e aqui o Ministro Capanema só nos pagava tempo parcial. Ora, eu trabalhava em tempo integral, dediquei-me mesmo ao ensino. Então era difícil ligar as duas pontas do orçamento, como dizia o Barão de Itararé, “cada mês havia mais mês no fim do meu dinheiro”. Então tive a sorte de encontrar-me com o brigadeiro Montenegro. Estava precisando de uma pessoa que falasse inglês porque o prof. Richard Smith só falava inglês. Mas como um bom americano ele só falava inglês. Ao lado desse homem eu trabalhei vários anos em São José dos Campos.

Hiro - Praticamente não existem vestígios sobre a presença ou sobre a biografia do Prof. Smith, o Senhor têm mais dados sobre ele?

Ernesto - Não Senhor, não tenho. Eu perdi contato completamente com ele, porque quando Casemiro Montenegro saiu do Centro Técnico de Aeronáutica a nova chefia não se interessou muito no trabalho do Smith, então pediu demissão e voltou para a América do Norte. Eu perdi contato com ele até que recebi informação que ele havia falecido. Escrevi para a viúva dele. A viúva me respondeu muito amavelmente mas nunca nos encontramos.

Hiro - O Senhor tem essa carta?

Ernesto - Não.

Hiro - Não tem mais?

Ernesto - todo o meu arquivo levou à breca...!

Luitgard e Hiro - Como?

Ernesto - Perdi, mudando muito de moradia, mudando muito de lugar, não é? A minha papelada hoje é uma pilha e não acho nada de modo que ...

Hiro - Não estaria na ESG, na sua documentação pessoal?

Ernesto - Não, eu estou na ESG desde o começo em 1949.

Hiro - Ah! O Senhor é do corpo da ESG desde 49? Da fundação?

Ernesto - Não, eu sou o primeiro conferencista da ESG. A primeira conferência que se pronunciou na ESG foi pronunciada por mim.

Hiro - Logo em 49 que foi um ano de fundação da ESG?.

Luitgard - Como é que foi a fundação da ESG

Ernesto - Como?

Luitgard - Como é que se deu essa fundação? É idéia de quem?

Ernesto - É engraçado, a ESG foi imaginada por um brasileiro que foi aos Estados Unidos e lá frequentou a escola equivalente a ESG chamava-se (Sardemberg?) General Sardebemger Idálio. Trouxe a idéia da ESG e procurou o chefe do Estado Maior das Forças Armadas, General César Albino. Aqui ele expôs o que a ESG americana fazia na América do Norte e porque que a Inglaterra, França, Alemanha, todas tinham organizações semelhantes. Então Idálio Sardemberg pediu autorização ao César Albino para fazer uma ESG aqui no Brasil, claro que César Albino gostou muito da idéia, encarregou Sardemberg de organizar a coisa. Sardemberg teve bom senso, ele era Coronel; ele propôs para Comandante da futura ESG o General Cordeiro de Farias que neste campo era Comandante da 5ª região militar em Curitiba, então foi autorizado pelo César Albino, Sardemberg foi ao Paraná, conversou com o Cordeiro de Farias e convenceu o Cordeiro de Farias, e o Cordeiro de Farias veio para o Rio para organizar a ESG. Acontece que essa organização no começo tinha apenas o comandante, só o Cordeiro de Farias. E ele passou a convidar um grupo de amigos para constituir no que hoje se chama de corpo permanente da Escola Superior de Guerra, um grupo de amigos para irem trabalhar lá. No começo haviam duas divisões apenas; uma divisão de assuntos nacionais e de assuntos internacionais, depois nós vimos que isso precisava ser desdobrado, como realmente foi desdobrado. Neste meio tempo eu preocupado com os meus problemas lá em São José dos Campos, eu pronunciei uma conferência sobre a tecnologia nas Forças Armadas do Exército e o General César Albino que ouviu a conferência me pediu para repetir a conferência na Escola Superior de Guerra, acontece que então Cordeiro de Farias tinha reunido mais ou menos uns 30 companheiros que eram os futuros membros do corpo permanente, mas que estavam

examinando ainda métodos de trabalho porque era uma escola nova, e não tinha como fazer prova, como admitir alunos como isto, aquilo e aquilo outro. De modo que me coube a grande sorte de ser o primeiro conferencista da Escola Superior de Guerra, da qual eu nunca mais me desliguei, porque eu gostei muito do Cordeiro, eles lá se deram bem comigo também, eu solicitei a autorização do Cordeiro de Farias para frequentar a Escola, ele autorizou. Então desde a primeira turma da Escola Superior de guerra que eu estou ligado a ela.

Hiro - O Senhor teve contato com os americanos que vieram ajudar na constituição da ESG.

Ernesto - Todo tempo em que eles permaneceram aqui eu estive em contato com eles, porque eu nunca me desliguei da ESG. Somente o tempo em que estive no estrangeiro.

Hiro - E quanto tempo o Senhor esteve lá? E quando o Senhor esteve lá, nos Estados Unidos principalmente?

Ernesto - Eu estive lá da fundação até mais ou menos 61/62 aí aconteceu uma mudança completa na minha vida. Porque eu consegui impressionar o Presidente Juscelino Kubitschek a respeito do problema de educação.

Hiro - Sim, o Senhor vai falar da COSUPI, mas antes disso o Senhor foi nos Estados Unidos. Quando?

Ernesto - Justamente em virtude das conferências que eu fiz na Escola Superior de Guerra, eu escrevi uma carta, eu mesmo escrevi a carta tendo estudado o assunto, falado sobre ele vários anos lá na escola, escrevi uma carta ao presidente Getúlio Vargas, que tinha sido eleito presidente do Brasil, para fazer uma (...) em que ele ganhou as eleições (...).

Hiro - Em 51!

Ernesto - ...nesta carta Getúlio Vargas dizia que ia fazer uma série de coisas no Brasil em consequência do seu retorno e eu escrevi uma a ele dizendo : “o Senhor disse que ia fazer isso e aquilo, e não vai poder fazer nada disso porque vão lhe faltar técnicos. O Brasil não produz engenheiros, tecnologistas em quantidade suficiente para dar uma infra-estrutura científica ao trabalho de brasileiros. O presidente teve uma reação extremamente curiosa porque ele sabia que em 32 eu tinha estado na revolução de São Paulo, inclusive todo setor que vai de Jacareí até Lorena esteve sob meu comando durante a revolução de 32. Mas apesar (...)

Hiro - O Senhor esteve com os paulistas ou contra os paulistas?

Ernesto - Não, eu era paulista.

Hiro - ...Nessa época o senhor era paulista, sim estava do lado dos paulistas.

Ernesto - Portanto...

Luitgard - Nesse tempo o Senhor engajou na Revolução de 32?

Ernesto - Eu trabalhei na Revolução de 32.

Luitgard - Em que posto?

Ernesto - Capitão.

Luitgard - Quem lhe deu este posto? Este posto lhe foi dado por quem?

Ernesto - Pelo comandante da Força Pública de São Paulo. Eu fui incorporado na Força Pública de São Paulo porque eu era civil, não é?

Hiro - Voluntário?

Ernesto - Voluntário, como paulista, para lutar contra o Getúlio Vargas. Eu vim do Clube de Engenheiro, chama-se lá Instituto de Engenharia de São Paulo e me apresentei falando que eu morava em Campinas, sou professor do Ginásio do Estado mas eu estou disposto a abandonar minha família para lutar contra a ditadura. Então eles me incorporaram na polícia de São Paulo.

Luitgard - O que o Senhor pretendia com essa revolução?

Ernesto - Nós pretendíamos naquele tempo, toda a minha pretensão era tornar a trazer o Brasil para o Regime Constitucional.

Luitgard - O Senhor tinha que idade nesta época?

Ernesto - Era 32, eu tinha 31 anos. Mas deixei os filhos em casa.

Luitgard - E o Getúlio sabia que o Senhor era revolucionário?

Ernesto - O Getúlio sabia que eu era revolucionário, que eu era um homem muitíssimo bem informado. Mas apesar disso, depois que eu escrevi a carta para ele aqui na Escola Superior de Guerra, ele mandou me chamar, aliás ele me convidou para jantar na casa de um amigo dele. Jantamos eu, a família, inclusive o Presidente Getúlio Vargas e eu meio constrangido, que eu não sabia o que é que o presidente queria comigo. Quando acabou o jantar ele me convidou para entrar na biblioteca e lá me disse : “olha professor eu recebi a sua carta a respeito do problema da tecnologia brasileira; que solução o Senhor propõe?” Senhor presidente, Vossa Excelência, compreende que eu não tenho a solução para um

problema dessa dimensão eu apenas enxerguei o problema, vi que se o Senhor não encaminhar a solução, não encaminhar para algum lado, o Brasil não sai do lugar de onde está, porque precisa de tecnologia para poder progredir. Ele me disse: aí é que acontece uma das grandes (...) precisa a sorte ajudar senão a gente não vai adiante mesmo; ele me disse: “Olha Professor Oliveira, eu acho que a melhor coisa que nós podemos fazer é o seguinte: o Senhor sai do Brasil; olha que eu nunca tinha recebido oferta nenhuma, porque engenheiro realmente é uma profissão de gente pobre, não é? Nós não tínhamos recursos para ir ao estrangeiro a não ser um ou outro filho de milionário. -” O Senhor vai sair do Brasil e vai ver o que estão fazendo lá fora, na volta o Senhor me faz um relatório (...?)”. Eu sou esse brasileiro, o único brasileiro, que teve esta sorte de sair sem rumo e sem prazo a serviço do Senhor Presidente da República. Eu em virtude justamente de leituras que faço sou assinante do *Time Magazine*, esta revista americana; eu sou talvez o mais antigo dos assinantes deles, eu tinha visto que a América do Norte estava dando para a Turquia uma verba muito grande para que os turcos fizessem escolas profissionais na Turquia. Eles estavam procurando a amizade dos turcos para poder ter as bases e olhar a Rússia de perto. Se os turcos estão fazendo as coisas lá, começando do zero, com dinheiro americano vão fazer bem feito, vou começar por lá. Peguei o avião aqui e desci em Istambul na Turquia e de lá eu andei de automóvel por tudo aquilo: Síria, Líbano, Irã, Jordânia, etc. fui sair quase na Índia. Estive na Pérsia, estive em quase todo lugar.

Luitgard - O Senhor foi sozinho, professor?

Ernesto - Sozinho. A minha esposa ficou aqui, eu não tinha muito dinheiro para fazer uma coisa dessas e o presidente Getúlio Vargas me deu essa oportunidade, mas me deu muito pouco dinheiro, ele só me deu 12 dólares por dia. As passagens daqui a Istambul. Não daqui ao Cairo, me deu passagem daqui do Cairo, e depois 12 dólares por dia, 12 dólares dava para gente não morrer de fome né, mas eu nunca pude me hospedar em hotel de luxo, sempre andei beirando, arranjando os hoteizinhos de menos estrelas para poder viver com os 12 dólares que o Getúlio tinha me dado, mas foi amplamente compensador.

Hiro - O Senhor tinha ido aos Estados Unidos nessa época; quando o Senhor foi à Turquia o Senhor já tinha ido aos Estados Unidos?

Ernesto - Não senhor.

Hiro - Primeiro o Senhor foi lá ver o investimento americano?

Ernesto - Primeiro eu fui ver o que é que o americano estavam fazendo na Turquia para poder dar mão forte ao turco. O que eles queriam na realidade era a possibilidade de instalar bases americanas na fronteira...

Luitgard - Desde 51.

Ernesto - Foi, (...), aí não foi brincadeira. Na volta, naturalmente a minha esposa, ficou aqui no Brasil nós tínhamos só filhos pequenos, guardamos um pouco de dinheiro, vendemos um terreno que eu tinha com o Jânio Quadros, na ocasião do apuro ele vende um terreno, eu tinha um terreno e vendi também meu terreno, e a minha esposa foi me encontrar em Wiesbadem-Badem, na Alemanha, e de lá em diante nós andamos juntos. percorremos todas as capitais Européias e mais essa quantidade de cidades, são somente cidades onde nós dormimos, apenas de passagem, a minha esposa não comprou (...). E fizemos essa viagem maravilhosa, que permitiu inclusive uma visão da educação que é preciosa; eu tenho visões da concepção a respeito da educação que são completamente diferentes das concepções que correm por aí.

O senhor vê agora, por exemplo nossos colegas da Escola de Engenharia estão numa discussão tremenda com o Ministério da Educação. Mas o senhor vai ver, luta-se exclusivamente por questões de salários. Eu compreendo que sem dinheiro a pessoa não pode viver, mas a pessoa correr só atrás de salário não dá. O resultado é que os cursos de Engenharia do Brasil estão de tal maneira obsoletos que até hoje colegas das escolas de engenharia do Rio de Janeiro ou do Brasil não sabem o que é o exame de admissão. O senhor está vendo os jornais cheios, agora mesmo estão saindo às vezes páginas inteiras sobre o negócio de (Sesgran-Rio) exame de admissão para isso exame de admissão para aquilo, conceitos totalmente errados a respeito do que é o exame de admissão.

Ora esses são problemas que eu tive a oportunidade estudar bem nas minhas viagens lá no exterior, eu vi bem o que é o exame de admissão e para que ele serve, coisa que meus colegas da Universidade Federal não sabem como publicam diariamente nos jornais em cima da minha mesa eu tenho agora mesmo umas páginas de jornal do *Jornal do Brasil*, com declarações e afirmações que preenchem 31% das vagas porque, ora isso são soluções inteiramente inadequadas no ensino superior, se o Brasil não consertar parte do Ensino Superior vai ser muito difícil fazer alguma coisa. Veja bem como o Ministério da Educação que é constituído por pessoas ainda mais analfabetas em Educação do que os meus colegas

de Engenharia, mais analfabetos, está preocupado com o problema do analfabeto, o grande problema é encher a escola primária e alfabetizar os alunos. Ora eles não perceberam que o Brasil desde o tempo dos portugueses aqui viveu com esses analfabetos, os analfabetos, os analfabetos viviam por aí, arranjavam-se como podiam coitados, mas o fato é que não se consegue consertar o Ensino Primário sem antes consertar a Universidade. Que o professor do Ensino Primário tem que ser formado na Universidade, se a Universidade estiver errada, toda escala está errada.

Luitgard - E o resultado de sua viagem, como foi o seu relatório, a receptividade de Getúlio a este relatório e o quê falava o relatório?

Ernesto - Eu como contei, percorri todos os países da Europa na companhia de minha esposa Aldora. Fui para Inglaterra, atravessei, o Atlântico Norte e de Nova Iorque eu fui a Chicago, São Francisco da Califórnia e voltei pelo sul de automóvel quer dizer, eu conheço mais a América (?), mais eu conheci mais a América do Norte de 90 % dos americanos, porque eu percorri tudo aquilo de automóvel, e examinando especialmente este assunto fundamental que é a escola. Tive ocasião de ver portanto as grandes vantagens e os grandes defeitos da educação americana. Eu me lembro que quando eu passei por Nova Iorque naturalmente procurei lá o nosso embaixador que era o Almirante Amaral Peixoto, chefe político aqui do Rio de Janeiro, genro do Getúlio lá na embaixada. Conversei com ele e logo contei que eu iria fazer este circuito de automóvel até o Pacífico. Ele então me disse: “Então vou fazer uma coisa, vou pedir uma ligação para o presidente da Califórnia Institute of Technology, que é a melhor escola que tinha tido no mundo sem sombra de dúvida, a melhor de todas as que eu conheci e vou recomendar você a ele.” - Falei : isso vai me ajudar muito de modo que ele pediu uma ligação ao reitor da (?) e eu fui recebido lá como príncipe, abriram tudo, facilitaram, me deram todas as informações que eu quis, graças à ajuda do almirante; mas a vantagem que isso me trouxe é incalculável porque eu chegava eu tinha a recomendação de um reitor anterior. É um professor que vem da Europa, conhece inúmeras coisas e portanto está em condições de discutir certos problemas. Inclusive Matiew? Escola de Engenharia passei o mês inteiro lá dentro.

Hiro - O Senhor reencontrou o professor Smith lá?

Ernesto - Ele tinha morrido por isso não o reencontrei. Mas conheci outros professores que tinham vindo ao Brasil que foram muito úteis para mim, e me facilitaram tudo que eu precisei.

Hiro - E o Senhor redigiu então o relatório?

Ernesto - Redigi um relatório. Quando eu tinha vindo da Califórnia para Nova Iorque; como eu disse eu fiz esse circuito de automóvel, vindo pela estrada, minha esposa estava comigo, estava comigo também o filho do presidente interino Linhares, nós paramos na estrada para as senhoras tomarem refresco, quando eu vi um jornal, posto de venda de jornal, uma manchete que dizia presidente do Brasil suicidou-se. Você pode imaginar o que é o choque que a gente sente estando lá no fim do mundo eu estava lá na estrada entre a Califórnia e a volta para Nova Iorque, e no meio da estrada tinha a notícia que o presidente para quem eu estava trabalhando tinha suicidado de modo que o relatório nunca foi feito. Eu nunca redigi ele estava inteirinho na minha cabeça, felizmente eu não me esqueci das coisas que eu aprendi.

Hiro - Sim; mas depois o Senhor foi convidado pelo presidente Juscelino Kubitschek para presidir a comissão supervisora do plano dos Institutos.

Ernesto - Não foi bem assim, o presidente Juscelino Kubbitschek governou o estado de Minas Gerais e eu nem sequer sabia que ele existia e era professor de geometria na Faculdade Nacional de Filosofia, mas ele convidou, como ele mesmo dizia, sobre o prestígio de um binômio, energia e transporte. Quando fez a campanha que ele ganhou para a Presidência da República ele disse: - “Agora vou abandonar o Binômio: energia e transporte, eu vou para o trinômio: energia, transporte e alimentação.”

A é ele convidou lá em Minas Gerais tudo isso em grupo de amigos para desdobrarem esse tri slogan dele da campanha em metas e ele fez 20 metas aí veio para o Rio de Janeiro, tomou posse e escolheu para Ministro da Educação o Dr. Clóvis Salgado, ministro da Educação. Eu vi a notícia no jornal que o ministro Clóvis Salgado ao tomar posse tinha feito um discurso dizendo que estava muito interessado no problema do Ensino Técnico lá minha sala de aula na Faculdade. Mas que engraçado ele procurando informação sobre o ensino técnico e eu possuo um monte de informações. Peguei o jornal e fui ao Ministério da Educação, veja que isso se passa portanto do dia seguinte da posse. Peguei o jornal e fui ao Ministério do dia seguinte do da posse. Tomou posse em um dia, anunciou

no dia seguinte o jornal publicou o discurso dele dizendo que estava interessado no ensino técnico. Eu então cheguei no Gabinete do Ministro de manhã cedo, 9:00 horas, mais ou menos e pedi para falar com ele. O oficial de gabinete era muito amigo do Clóvis e ainda estava naquela era em que não começa propriamente o trabalho de proteção do Ministro o Ministério estava mais ou menos aberto, porque ele ingressou no posto e ainda não sabe qual a pressão que vai cair em cima dele. Imagine a minha surpresa eu tinha ido lá para oferecer que ele me marcasse uma audiência para eu mostrar a eles umas coisas que eu tinha visto no exterior quando oficial do gabinete chegou e disse: - “Olha professor, o Ministro Clóvis vai receber o Senhor agora mesmo”. É o que eu digo, sorte sem sorte não se vai se, e o ministro o Senhor declara que neste seu discurso que o Senhor está interessado no Ensino Técnico; pois bem, eu acabo de voltar de uma viagem em que percorri o que há de melhor em técnica no mundo inteiro, tanto no Extremo Oriente com dinheiro da Turquia como nos outros países daquela região que não tem muito. Turquia tinha um bocado e melhorou muito com o dinheiro americano mas depois percorri todos os países da Europa: capital por capital, aí eu fui à companhia do Embaixador brasileiro que naturalmente sempre me facilitou muito as coisas. Eu acabo de chegar do estrangeiro tendo tudo aqui, portanto acho que eu podia dar algumas informações ao Senhor se o Senhor se interessar. Veja de novo a luzinha acendendo da sorte e eu vou despachar com o presidente Juscelino agora o Senhor não gostaria de ir comigo? É claro que eu gostaria. De modo que eu já descí do gabinete do Ministro sentei-me ao lado dele para ir ao palácio do Catete onde estava o Juscelino chegando lá eu fiquei na sala de espera do Juscelino, o Clóvis despachou a papelada com ele, quando o Clóvis apareceu na porta ele me disse: “prof. Oliveira faz favor”. Juscelino estava junto com ele, era muito amigo de Juscelino, chamava de você. “Olha, Juscelino, o professor Oliveira acaba de chegar de uma viagem ...com toda certeza ele tem notícia que pode ser interessante para você”. Juscelino já era um homem muito agitado, curioso, falou: “pois não tenho o maior prazer; senta aqui prof. Oliveira”, ele sentou-se na cabeceira da mesa “estou às suas ordens”. Então eu comecei a desfiar o meu rosário: “visitei o Tecneondes hoje, visitei o Emaiti, visitei o Taltec(?), visitei tudo o que é grande escola de Engenharia do mundo inclusive na Suécia e na Noruega e notei coisa curiosa é que o Senhor ao vir para o Brasil trouxe 29 metas, mas não trouxe uma meta para a educação. Ele olhou assim para o lado: “O Professor tem razão, nós não temos uma meta

para educação, vamos organizar uma Clóvis, você fica presidente da comissão”. Foi tudo resolvido na hora . O professor fica diretor executivo, Clóvis você escolhe mais uma 6 dúzia de professores, aí e vamos constituir uma comissão de uns 8 ou 10 membros, tem 90 dias para me dar uma meta para a Educação. “Aí ocorreu-me de novo é que a sorte sem um pouco desta aqui não ajuda nada, não é, disse o Senhor presidente acontece uma coisa muito curiosa, o Senhor disse ao Ministro Clóvis escolher uns 6 ou 8 professores para constituírem a comissão eu queria pedir ao Senhor para indicar 1 ou 2 economistas para fazerem parte desta comissão porque acontece uma coisa muito curiosa o Senhor deve estar informado naturalmente. É que a constituição daquele tempo marcava que 10 % dos impostos seriam destinados educação artigo 169...

Hiro - Da constituição de 45.

Ernesto - Exato...não importa o que está lá 10% da arrecadação de impostos devia (?) e acontece que todos os anos quando nós damos o balanço final do ano lá no Ministério da Educação nós verificamos que não nos deram 10% nos deram 8% ou 9, mas nunca nós atingimos os 10 % que a constituição marca e nós professores lá não sabemos lidar com aquele negócio de orçamento de modo que não sei como é que acontece que nos tiram mais de 1% por ano das verbas que devia ser destinadas à educação então nós queríamos ter alguns economistas que pudessem analisar o nosso orçamento e dizer onde entra o erro que nos consomem verbas muito grande que fazem falta para a educação evidentemente. Ele pegou o telefone e disse: “ me liga para o Lucas Lopes”. Lucas Lopes era um engenheiro notável, era de Minas Gerais, amigo do Juscelino e presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, “Senhor Lucas, prof. Oliveira Júnior vai procurar você aí, você faz favor atende-lo,que ele precisa que assunto que me interessa por demais”. No que eu descii com o ministro Clóvis Salgado peguei o carro dele, mas o carro dele ao invés de ir para o Ministério foi me deixar no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico. Quando eu subi ao nono andar, que era o andar da diretoria do Banco o Lucas Lopes estava na porta do elevador à minha espera, ele me conhecia de Minas Gerais, eu tinha estado lá várias vezes. Senhor Oliveira, o que o Senhor andou fazendo aí o Juscelino me tornou a me telefonar para eu atender no que você precisar, vamos conversar um instantinho. “Então eu cheguei lá e contei a ele que nós estávamos precisando de um economista de bom calibre para poder fazer a análise de nosso orçamento no Ministério da Educação. Ele disse: “Olha

o Juscelino está de tal modo interessado por isso que eu não vou indicar para você um economista eu vou indicar para a comissão um de nossos diretores, o Senhor Roberto de Oliveira Campos, atual Senador do Mato Grosso.

Vê como as coisa se organizam tudo. Durante 90 dias o Senhor Roberto de Oliveira Campos lá na comissão do Ministério da Educação, naturalmente ele descobriu onde estava o erro na mesma hora. O técnico que ele carregou lá, chegou de lá aqui: “eu já mostro qual é o erro “Mas o Roberto interessou-se pelo problema e levou para o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico o problema extremamente inteligente; ele logo viu a importância que aquilo tinha, aconteceu o seguinte é que o orçamento federal começa a ser constituído em março ou em abril. É quando os primeiros órgãos começam a mandar suas requisições de verbas para o ano que vem: essas verbas são reunidas todas em cada ministério pois cada ministério reúne isso lá no IASP e ao DASP então quem prepara o negócio que vai para o congresso para ser discutido. O economista que o Roberto Campos levou percebeu imediatamente que quando eles fazem o orçamento começam o orçamento praticamente no começo do ano, o orçamento está longe de ser terminado o Orçamento vai crescendo durante o ano inteiro compreende porque eles lá no fim vão calcular 10% sobre o orçamento primitivo, ninguém se interessa em destituir dinheiro para o Ministério da Educação. Então Roberto Campos me deu umas notas, essa notas o Ministro Clóvis Salgado fez exposição de motivos e nós expusemos ao Juscelino Kubitschek que o dinheiro mais de 1% todo ano sumiu do Ministério da Educação em virtude disso e é aí que o senhor encontra a origem do dinheiro, com licença (?) informação de oficiais e trabalho meu prestar (?) para o EstadoMaior das Forças Armadas. Mas veja aqui Juscelino me deve uma carta, achou que eu tinha razão que a constituição era para ser cumprida.

Hiro - Quem eram os outros membros da comissão professor?

Ernesto - Eram (?) que nunca tomaram parte nenhuma que não entendiam daquilo era como o Roberto Campos eles iam lá para ouvir Anísio Teixeira...

Hiro - Fazia parte da comissão?

Ernesto- Fazia, fazia parte da comissão.

Luitgard - E ele não entendia de educação?

Ernesto - Não Senhor.

Luitgard - Anísio Teixeira.

Ernesto - Não.

Luitgard - Não entendia nada?

Ernesto - Nada.

Luitgard - Então como é que ele sai como grande educador?

Ernesto - É porque ele cuida de ensino primário meu senhor e o problema do ensino primário é problema de caridade, não é um problema de educação. Brasileiro não tem possibilidade de educar os 30 milhões de analfabetos que tem. O Senhor vê todo o plano feito para alfabetizar essa gente e não dá resultado. Porque? Porque não são 10, nem 100 nem 100.000, são 30 milhões de brasileiros e o Brasil é um país paupérrimo, que tem a capital, como era o Rio de Janeiro, com valetas de esgoto correndo no meio da rua como nós cansamos de ver na televisão, país paupérrimo; não tem dinheiro para educar toda essa gente, não há se tivesse não adiantaria nada, porque o problema para a vida não é problema de educação e da alfabetização o problema para a vida é um problema de salário, o indivíduo precisa chegar ao fim do mês e receber salário então o alfabeto só, não dá salário para ninguém.

Luitgard - Era o Anísio Teixeira e quem mais?

Ernesto - Eu não me lembro, Anísio era um ...

Hiro - Roberto Campos era outro.

Ernesto - Eu nunca tive respeito pela educação do Anísio e nos entendemos frente à frente compreende, ele é diretor do “Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos”. O que é que nós fizemos todo esse tempo: 30 milhões de analfabetos, quer dizer o problema social, o problema do homem não está sendo encarado ainda e o Brasil viveu até 1960 até chegar o Anísio viveu com esses analfabetos aí passavam mal e porcamente deste mesmo modo estão vivendo aí nas favelas como o Senhor cansou de ver na televisão ainda na semana passada. Então isso para mim não vale absolutamente nada. O problema para mim educacional senta-se no problema Universitário brasileiro porque naturalmente o Senhor conhece.

Hiro - Já li.

Ernesto - Então está vendo aí um homem que tem uma das grandes nações do mundo nas mãos e que enxergou o problema. Lá na Rússia aliás eles enxergaram bem antes, senão não estariam hoje aí como estão.

Hiro - O livro é Perestroica de Mikael Gorbachov.

Ernesto - Como?

Hiro - Estou apenas falando o nome do livro e do autor.

Luitgard - Então era o Anísio Teixeira, o Senhor, o ministro Salgado.

Ernesto - Ele era o presidente.

Luitgard - Quem era mais?

Ernesto - O Roberto Campos, mais o economista do Banco do Roberto Campos. Engraçado que o Roberto Campos ao voltar terminou o trabalho da nossa comissão nós apresentamos a meta para o Juscelino ele não pode fazer nada, pelo menos no rumo em que a coisa estava seguindo que Juscelino, eu te digo aqui eu criei esta organização esta sim. O Senhor conhece?

Luitgard - Não, não conheço.

Ernesto - Aqui conta bem...

Hiro - Professor esta experiência de Istambul lá na Turquia era com base em recursos do ponto 4 do Nacional Defenci Education, não é verdade(?) que tinha sido votada em 1949 não é verdade...

Ernesto - É verdade.

Hiro - ...o Senhor pensava também (?) recursos dos Estados Unidos par apoiar a Instituição de Base Tecnológicas no Brasil?

Ernesto - Sempre fiz o possível para trazer, porque sem ajuda dele nós não faríamos nada.

Luitgard - Juscelino concordou?

Ernesto - Juscelino concordou e me deu uma carta que eu levei ao líder dele no senado chamava-se Viera de Mello. Cheguei lá e disse "Senador o presidente mandou entregar esta carta ao Senhor a carta dizia o seguinte "O ministro da educação no ano corrente, (?) sendo prejudicado em 240 milhões de cruzeiros e para o Senhor mas esquecer que o dólar custava dois cruzeiros, 2 mil réis, nem sei mas o fato é que ele mandou para o Senhor reestabelecer esta verba para o Ministério da Educação. Isso é dinheiro que pela constituição deve pertencer ao Ministério da Educação. O Vieira de Mello disse então não tem dúvida, fazemos isso com o maior prazer e apresentou uma emenda lá e na mesma hora o negócio foi aprovado. Agora o extraordinário é o que se fez depois disso. Tendo conseguido o dinheiro eu fiquei pensando agora eu arranjei dinheiro e vou distribuir para quem? Vou

distribuir para o Ministério da Educação, Ensino Médio, Ensino Primário, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, uma porção de coisas para como eles jogam os 8% que recebem. Então o Ministro Clóvis Salgado eu vou propor ao senhor uma solução diferente. Eu proponho que nós não separemos estes dinheiro em parcelas. Que a gente utilize todo o dinheiro para instituir um organismo que possa introduzir sistemas novos de educação no Brasil. Ora o Clóvis Salgado não era um educador, mas um homem muito inteligente, na mesma hora aceitou a idéia.

Hiro - Mas já não existia o CAPES e o CNPq?

Ernesto - Veja bem uma coisa. O Conselho Nacional de Pesquisa tem, eu digo aqui a fim de assegurar a organização técnico-científica no Brasil, foram organizadas três instituições, Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), a Campanha Nacional Superior de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Comissão Supervisora do Plano dos Institutos, aqui eu mostro o que cada uma delas vai fazer. Eu mostro como uma delas atacou o problema onde tinha que ser atacado. É exatamente isso que constitui esta parte final disso.

Hiro - Mas não houve problema no processo de criação da COSUPI face da existência CAPES e do CNPq?

Ernesto - Não houve porque eu soube fazer a coisa. Como ela pode ser feita. Eu ia lidar com meus colegas de Universidade, tipo de gente mais cheia de si mesmo que jamais houve cada catedrático e um setor, não admito que ninguém interfira. Sua cátedra está lá isolada. Ele normalmente não dá aula porque encarrega o assistente de dar aulas, ele vai exercer o outro cargo que a constituição permite que ele acumule. Por exemplo o meu colega Joperson da Silva, todo mundo conheceu o professor Joperson. Ele era diretor dos Portos, Rios e Canais do Brasil, o Senhor acha que ele tinha tempo de cuidar de aula na Escola Politécnica 3 vezes por semana, 1 aula. Aquilo é coisa que para qual ele nunca ligou. O assistente dele ia lá e dava as aulas e ele ia fazer aula então oral no tempo de fim de ano ele fazia exame com os alunos e pronto compreende? De modo que o Professor não estava ligado ao ensino, aqui o professor está ligado a uma cátedra e é esse que é grande mau da coisa, não pode ligar o professor a uma cátedra porque se não cai na rotina nós lá na Politécnica tínhamos o costume de dizer que havia professor que de tanto repetir as aulas que davam tinham apostila diante dos olhos e iam lendo (?) de vez enquanto o dedo assim

virava aqui mas não tinha mais apostila, a apostila era texto estragado e jogado fora que estava repetindo aquilo a 20 anos. Não tinha a menor razão para mudar. Ele simplesmente passava o dedo na língua virava uma página não existente. É isso tudo meu caro que eu procurei mudar do propor a criação da COSUPI, compreende.

Hiro - O que a COSUPI então propunha? Qual era a Proposta da Comissão Supervisora do Plano dos Institutos para uma educação tecnológica no Brasil?

Ernesto - Não é para a educação tecnológica, é para fazer qualquer tipo de educação. A proposta era a seguinte: aí precisamos voltar um pouco atrás, o Senhor sabe que o D. João VI saiu de Portugal meio atropelado pelas forças de Napoleão protegido pela esquadra inglesa ele chegou na Bahia e depois veio para o Rio de Janeiro e viu que precisava de técnicos para uma porção de coisas que ele não tinha, então naturalmente criou 2 escolas de Direito, uma em São Paulo e uma em Recife, ele criou uma Escola Militar para ensinar Engenharia que precisava construir fortificações todas nas costas do Brasil, não havia ensino de Engenharia no Brasil, o Ensino de Engenharia nasce muito tarde; nasce em Ouro Preto quando nós precisamos estudar o subsolo brasileiro...

Hiro - Na Escola de Minas.

Ernesto - ...nós não temos especialistas compreende, aí fundamos aquela escola e abandonamos lá no meio sertão viemos para cidade e aqui nós tínhamos em assunto de ensino superior? O que nós tínhamos era uma porção de escolas profissionais, isto é que preciso prestar atenção. As escolas existentes no Brasil até o ano em que eu fiz concurso eram escolas profissionais, tinha uma Escola de Engenharia, tinha uma Escola de Economia, cada uma dessas escolas era inteiramente independente, não dependia de ninguém a não ser do Ministério. Acontece entretanto que a quantidade de pessoas que precisa estudar o mesmo assunto na Universidade é muito grande e varia de escola para escola. Por exemplo quase todas estudam matemática, então nós aqui no Rio de Janeiro como nas outras escolas do Brasil, cada escola tinha sua escola de Matemática, tinha seus professores catedráticos de matemática. É engraçado isso não é. Quer dizer a Universidade não se constituiu no Brasil como Universidade, ela constituiu-se com o reunido de uma porção de escolas profissionais cada uma delas lutando para as outras não pisarem em cima, não aceitando interferência das outras; então cada uma delas: “bom eu aqui só leciono matemática para alunos de economia”, a outra diz: “Não eu aqui só leciono matemática

para engenharia”, outras já dizem: “não é para escola de engenharia é para escola de portos, rios e canais” Dependendo da especialidade, o ensino da engenharia variava. Esta é uma razão muito curiosa prezada colega, pela qual o Brasil não tem estudo de Ciência no começo. O Senhor sabe que o Brasil teve alguns cientistas de valor no começo do século. Por exemplo o Teodoro Augusto Ramos em São Paulo, Amoroso Costa aqui no Rio de Janeiro, eram homens excepcionais, não era por causa do trabalho que eles faziam na escola. O trabalho, o Senhor Amoroso Costa dava aula na Escola Politécnica exclusivamente para alunos de Engenharia, se ele falasse de alguma coisa fora daquilo que o aluno ia precisar no 2º ano na mesma hora os alunos iam lá reclamar dele, o Senhor tá aumentando o programa...

Hiro - Na matemática né , Amoroso Costa era grande matemático.

Ernesto - Sim, na matemática. Então o COSUPI veja bem, plano dos institutos e porque eu denominei instituto a reunião de todas as cátedras de uma mesma profissão dentro de uma Universidade: a isso eu chamo um instituto. A divisão que eu proponho da universidade é dividir a Universidade...

Luitgard - Por favor, reunião de todas as cátedras.

Ernesto - de mesma denominação. Por exemplo hoje em dia toda matemática da Universidade é estudada no Instituto de Matemática. Não existia no meu tempo, eu era professor de Matemática na Faculdade Nacional de Filosofia, lecionava só para aluno da Faculdade de Filosofia, hoje em dia com a COSUPI não, na COSUPI nós fizemos um departamento grande, porque veja bem a grande vantagem disso é o que o Senhor tira o professor da rotina compreende, se eu estou repetindo a 25 anos o mesmo programa é claro eu posso estar passando o dedo na língua para virar uma folha que não existe, mas se eu tiver cada ano que mudar o tipo de ensino, eu faço embora dentro do mesmo ramo, eu obrigo o professor a modificar-se, por isso eu propus se a Universidade fosse dividida não como é atualmente em cátedras, mas fossem divididas em Instituições de 2 tipos: escola ou faculdades, em cada uma das quais o candidato adquirirá os conhecimentos necessários para o exercício profissional e a outra instituição o instituto em cada um dos quais se estudará um dado ramo do conhecimento humano.

Luitgard Não entendi professor?

Ernesto - Voltemos.

Luitgard - Escolas ou faculdades são instituições nas quais os candidatos ao exercício profissional, de uma dada profissão, encontram os conhecimentos e as outras instituições chama-se instituto. O que é instituto? O instituto é uma instituição Universitária na qual se estuda um dado ramo dos conhecimentos humanos.

Luitgard - Exemplo disso.

Ernesto - O Instituto de Física.

Luitgard - Mas lá não prepara o físico?

Ernesto - Preparam lá, prepara-se toda física da Universidade, agora não se prepara engenheiro.

Luitgard - Mas físico é profissão?

Ernesto - A única profissão ligada com a física propriamente é ou a pesquisa ou o ensino e o nível superior fora dessas nossas cogitações eu estou cuidando aqui da parte de âmbito fundamental da Universidade. Lá na parte fundamental veja bem o Senhor que o exercício profissional do futuro engenheiro vai depender de estudos muitos curiosos, de uma base científica que geralmente é dada no 1° e 2° ano das escolas. Uma base científica; 2ª parte - um aprofundamento de certos ramos da ciência diretamente ligadas com a profissão escolhida e a 3ª parte é o exercício profissional. Está bem claro?

Luitgard - Claríssimo, obrigado.

Ernesto - O Senhor compreendeu bem como o ensino da Engenharia não é na realidade um ensino uniforme, é um de extrema complexidade de que, por obséquio não me fale coisa nenhuma do Anísio porque muita gente pensa que eu tenho motivos para ter ciúmes de ninguém, o que eu desejava alcançar na vida, alcancei de sobra hoje em dia sou membro da junta consultiva da Escola Superior de Guerra de modo que o Senhor vê, eu realizei tudo o que eu podia realizar como professor.

Luitgard - E a COSUPI, em que sentido ela foi vitoriosa neste projeto?

Ernesto - Ela foi vitoriosa porque ela conseguiu os recursos necessários para poder fazer isto.

Hiro - Mas professor, em 1960 a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência fez uma reunião da qual saiu um manifesto ao Senhor Presidente da República à atuação da COSUPI que aquela sociedade colocava alguns obstáculos não é verdade e o Senhor respondeu e a revista da SBPC publicou não só um manifesto como a sua resposta, não é?

Em 1961, tendo esta reunião se dado em 1960 em Piracicaba. Quer dizer e a comunidade científica representada pelo Senhor José Gondemberg, pelo professor Carlos Chagas se manifestou contra a atuação da COSUPI. O que o Senhor tem a dizer sobre esse conflito com a comunidade científica de então?

Ernesto - A coisa mais simples desse mundo é que o Brasil sendo um país paupérrimo, os recursos para esta parte da ciência eram extremamente escassos e todo mundo queria ter essa verba no seu gabinete, inclusive o Senhor Carlos Chagas, a quem eu respondi pessoalmente no salão de Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia. Ele estava lá presente declarou essas coisas eu pedi a palavra e disse a ele: está completamente errado não entendeu nada do começo. Porque veja bem o Carlos Chagas não é propriamente quem ensina medicina, o exercício profissional é feito nos anos 3^o, 4^o, 5^o da escola de Medicina. Carlos Chagas tem um Instituto de Pesquisa compreende que deveria ser o mesmo, exatamente o mesmo que é o da Escola de Agronomia que as outras escolas ligadas a ciências da vida é um Instituto onde se estuda o problema da vida, não é um problema profissional, só é um problema profissional ali como o Senhor disse muito bem a pouco aquele que vai se dedicar ao magistério que aí ele tira dali os conhecimentos necessários para o exercício da sua profissão de professor, agora não é absolutamente o caso de médico. O médico vai passar pelo Instituto Carlos Chagas entrando por uma porta e saindo no fim do ano para poder seguir as outras disciplinas que ele tem que seguir. Veja bem por exemplo onde o Senhor gostaria que eu lhe desse um exemplo de Engenharia é o mais fácil de todos veja bem, a Engenharia tem os seus conhecimentos apoiados sobre as leis naturais. Então a base do Ensino por força vai ser física, matemática e química, certo? Ciências da Natureza; depois além desses ramos puramente científicos não são Engenharia nenhuma, Física é Física, Engenharia é Engenharia, depois de feito esta parte esses rapazes vão estudar as disciplinas que levam ao exercício profissional, então verifica-se que a base científica com a qual eles entraram é insuficiente vai ser preciso fazer um ano inteiro é o 3^o ano de Engenharia e estudar em que ainda se estuda ciência mas não a matemática, física e a química, agora são ciências de matéria por estado sólido. Uma série de problemas que se estudam no terceiro ano de Engenharia. Agora os dois últimos anos de Engenharia? Por exemplo eu estudei Física, então estudei o que se chama Mecânica dos Fluidos, quer dizer o ar a água, os fluidos enfim, como que eles andam nos encanamentos, o que eu devo fazer

para a água chegar num reservatório, descer no reservatório, todo esse trabalho eu estudo nesta parte de Mecânica dos Fluidos, mas quando eu vou estudar engenharia eu tenho que levar a água para uma certa cidade tem que apanhá-la em um certo lugar e levá-la para casa, então entre a ciência, física que estuda a Mecânica dos fluídos e o curso de engenharia existem os outros anos intermediários, compreende? Ficou claro?

Luitgard - Claríssimo.

Ernesto - Mecânica dos Fluídos...

Luitgard - De que maneira a COSUPI entra nisso tudo?

Ernesto - Da maneira mais simples. Eu verifiquei que cada Universidade Brasileira tinha 6, 8, 10 Departamentos de Matemática; 6, 8, 9 de Física; 6,8,10 Departamentos de Química; não pense que isso é absurdo, o Senhor querendo eu faço a listagem do Departamento de Química que havia na Universidade Federal na nossa Universidade do Rio de Janeiro. Havia Departamento de Química na Escola de Engenharia, havia Departamento de Química na Escola de Agronomia, nós tínhamos, mas tínhamos uma Escola de Química, a física era lecionada (?) matemática então havia 8 Departamentos de Matemática se não me falha a memória, se não me falha a memória compreender? Mas cada um desses matemáticos tinha um professor que dava um programzinho só para aquela profissão de que ele cuidava. Por exemplo: eu era professor da Faculdade Nacional de Filosofia, então o normal na velha Universidade era que desse aula somente para alunos da Faculdade de Filosofia, se ele fosse estudar Engenharia ele ia para a Escola de Engenharia onde lá um professor dava a mesma aula de geometria que eu dava, mas era outra biblioteca, outra organização, outra etc. nós tínhamos 8 Departamentos de Física na Universidade do Brasil.

Luitgard - Muito bem, e a COSUPI como vai em cima disso?

Ernesto - A COSUPI agia de uma maneira, ao meu ver, a única maneira pela qual podia agir lidando com professores que são categóricos de pessoas, o Senhor é eu sou, nós sabemos que não gostamos de ter a pena arrepiada do contrário cada um de nós gosta de ficar no seu canto sozinho, quietinho. Não gostamos que venho ao Senhor lá na sua Escola para dizer o que eu vou ensinar lá na Faculdade de Filosofia. Como eu também não me atrevo a sair da Faculdade e ir para a Escola de Química e dizer o que eles tem que estudar de Geometria lá é o professor de Química. Ao passo que a COSUPI constitui um instituto de Matemática, todas as ciências da Matemática são estudadas ali, todas inclusive pesquisa

coisa que nós nunca podemos fazer que cada um de nós sendo preso a um setor muito pequeno da sua especialização, nós não estendíamos com medo de ferir colegas, nós não nos estendíamos nas outras (?). Então a COSUPI entra com dinheiro, dinheiro era o forte, se não tivesse, não se faria nada.

Hiro - Eu comparei com o orçamento do CNPq no mesmo período e o Senhor operava com mais recursos que o CNPq.

Ernesto - É claro eu fazia muito mais do que eles pelo ensino brasileiro, fazia muito mais do que eles, eu só lamento que tenha desmantelado a coisa porque veja bem uma coisa que é interessante; no primeiro ano como disse o Vieira de Mello apresentou uma emenda olha carta do Juscelino da data de 58. Vieira de Mello apresentou uma emenda e eu recebi duzentos e cinquenta milhões de cruzeiros foi com o que eu comecei a COSUPI, mas já no ano seguinte em 1959 veja aqui quinhentos milhões de cruzeiros que o congresso me deu para a COSUPI no ano de 1960 o congresso me deu novecentos e quinze milhões de cruzeiros, o que o dólar custava 2 cruzeiros, no ano de 1961 eu já recebi do congresso 1 bilhão e 80 milhões de cruzeiros.

Luitgard - 500 milhões de dólares?

Ernesto - 24 milhões de dólares era o que eu tinha nesse ano aqui. Era um despropósito.

Luitgard - E com esse dinheiro o Senhor rearrumou todas as Universidade?

Ernesto - Infelizmente não rearrumei nada porque está tudo desarrumado do mesmo jeito.

Luitgard - Mas o Sr, criou (?)

Ernesto - Para você não esquecer eu criei o núcleo que seria permitido reorganizar, porque isto era feito mediante contrato e aí é que está o segredo.

Hiro - Quais foram as Instituições que o Senhor apontaria como sendo beneficiárias de verbas da COSUPI?

Ernesto - A mais importante de todas para mim é a PETROBRÁS compreende, porque a PETROBRÁS organizou-se como uma empresa gigantesca com recursos colossais, o povo não sabe procurar petróleo mas não tinha onde formar geólogos, não havia geólogos formação de Geólogos no Brasil. O primeiro instituto de Geologia do Brasil foi criado por mim na Universidade de Pernambuco. Agora veja em Porto Alegre, na cidade do Rio Grande, cidade grande criaram uma Escola de Engenharia, eu já tinha a COSUPI, fui lá olhar a Escola de Engenharia. Às seis horas da tarde o servente da Biblioteca Pública da

cidade do rio Grande mandava todo mundo para casa porque as salas da Biblioteca iam servir de sala de aula par a Escola de Engenharia deles. Agora pensa o Senhor que era a única, longe disso, em Campina Grande era exatamente a mesma coisa, no Rio Grande do Norte era pior ainda.

Hiro - O Senhor propunha que os professores ficassem em dedicação exclusiva ao ensino.

Ernesto - Eu propunha que houvesse um Instituto na Universidade, um, mas que fosse bem organizado com professores de regime de tempo integral então de vez de ter professor para economia, professor para física, professor par a Escola de Química, professor para a escola de Engenharia, e etc. todas as Escolas eu queria um Instituto só que nós temos hoje em dia na Universidade Federal nós só temos um instituto de matemática.

Luitgard - A COSUPI reestruturavam, dava bolsa como é que isso era feito?

Ernesto - A coisa era feita de uma maneira muito simples, geralmente quem se opunha a um plano desses era ou estudante ou professor. Os professores eu comprei porque eu levava dinheiro né. Chegava lá e dizia como eu disse no Rio Grande do Sul você não acha muito melhor em vez de nós termos um Instituto de Matemática na Escola de Engenharia, outro na Escola de Química, outro nisso, ter um Instituto só com professores para todas as escolas da Universidade, o Reitor me olhou bem e disse “É seria bom mas se eu não tenho verba para isso”. A verba eu tenho, né, cheguei lá como é que eu tenho a verba de maneira mais simples e mais honesta possível. O Senhor vai assinar um contrato com o Ministro da Educação, não é comigo que assina o contrato não, assina o contrato lá no Rio de Janeiro com as Estações de Rádio anunciando que o Senhor está assinando um contrato para receber um dinheiro para fazer um Instituto de Matemática. O Ministro da Educação assinou, o Senhor pega esse contrato e leva ao Tribunal de Contas, o Tribunal de Contas registra e o Senhor, com esse registro do Tribunal de Contas vai ao Banco do Brasil e recebe um cheque, não recebe de minha mão não; sou eu que devo dinheiro, não sou que mando faço e aconteço, eu apenas convenci o Senhor e mais, mais importante talvez, convenci os alunos; porque os alunos em toda parte era contrário né.

A COSUPI para dar verba exigia a frequência obrigatória, ora nenhum aluno que ter frequência obrigatória, se o sol tá bonito ele quer ir à praia, não quer saber de assistir aula, então eu primeiro reuna os estudantes no Centro Acadêmico e dizia: Olha hoje em dia existe esta oportunidade de organizar um Instituto de auto nível onde os senhores podem ter

conhecimento tão bom quanto o das melhores escolas do (?) agora para isso os senhores têm que satisfazerem certas condições, a primeira destas é não fazer greve por causa da freqüência; os senhores compreendem que o governo brasileiro não vai gastar as verbas colossais para tanto aqui depois no fim o Senhor olhar o tempo e dizer: “O dia está bonito hoje, né, vamos fazer um pouco de surf”. me lembro tão bem lá da minha seção de Porto Alegre.

Hiro - Prof. em 61, 62 a 64 praticamente a COSUPI não funcionou, não é verdade?

E em 64 foi incorporada ao CAPES no decreto presidencial...

Ernesto - ...Capes...

Hiro - ...foi subordinada a CAPES em 64 no Decreto Presidencial. Como o Senhor analisa esse período então 62 a 64?

Ernesto - Pois ela funcionou muito, ela deixou os institutos organizados em todas as Universidades Brasileiras e mais nas Escolas de Agronomia. Porque muito pior do que as Escolas de Engenharia do Brasil eram as Escolas de Agronomia. As Escolas de Agronomia pertencem ao Ministério da Agricultura. Ora para começar o Ensino Agrícola não é tão cuidadoso quanto o ensino da Engenharia que nós sempre tivemos pelo menos duas boas escolas de Engenharia no Brasil: Escola Politécnica de São Paulo e a Escola Nacional de Engenharia né, haviam duas boas; então as de Agronomia não tinha nem esse modelo para seguir cada uma delas vivia lá no seu canto entregue a quem dos agrônomos que tinham cansado de ir ao campo, quando ele estava cansado que não podia mais dirigir o jipe naquelas estradas horrorosas do interior brasileiro, aí eles iam para as Escolas para serem professor um bocadinho onde é que está situada a Escola de Agronomia de Pernambuco. Devia servir o Nordeste inteiro não é? Está situada dentro da capital de Pernambuco, dentro da capital quando eu cheguei lá em Recife perguntei como eu vou à Congregação da Escola de Agronomia. “Pega o bonde”. O bonde me largou na porta, o Senhor acha que uma Escola assim podia ter professores interessados na lagarta não sei o que, que estava destruindo a de (?) lá no sertão.

Hiro - Essa é uma das críticas dos cientistas da SBPC, você propõe um plano de interiorização da atividade universitária que eles se colocavam contra, né.

Ernesto - É tomaram na cabeça redonda, porque hoje em dia estão todos aqui dentro desse capítulo, não escapa nenhum.

Hiro - Professor em 62/64 esse período, nenhum problema se abate sobre a COSUPI esse tempo?

Ernesto - Não, não se combaterão porque toda coisa foi feita dentro das Universidades. Como disse o Senhor em primeiro lugar procurava o reitor naturalmente. Fui a Porto Alegre: “O Senhor é o reitor Paoli”. “Sou” Bem eu sou o Oliveira Júnior, eu vim aqui porque o Senhor organizou um instituto de qualquer coisa lá eu propunha ao Senhor que em vez de fazer um Instituto para cada escola lá no Rio Grande do Sul, o problema era em forrageira, graminha, capim para o gado etc. O Senhor não acharia muito melhor fazer um Instituto para cada Universidade “a mais eu não tenho verba”, “verba eu tenho”. Tem mas não está na Universidade” - ora mas o Senhor faz o acordo como Ministro da Educação recebe no Banco do Brasil.

Luitgard - Professor a COSUPI só fez a reestruturação da Universidade, não criou nada de Universidade?

Ernesto - Fora da Universidade absolutamente nada, pelo contrário, foi procurado por muita gente que queria fazer escola de Engenharia principalmente os padres. O tempo em que se criou aqui na PUCC e todo padre do interior do Brasil queria fazer uma Escola de Engenharia como a Escola de Engenharia da PUCC, porque aqui na PUC eles me deram um golpe muito engraçado caiu na cabeça deles mesmo, sabe que meus princípios eram sadios, são, portanto o que eles me fizeram de safadeza direitinho como bumerangue na cabeça deles compreende. Quando saiu o Decreto aprovando a 1^a verba que eu tive para a COSUPI nem sei se eu devia estar contando essas coisas, né, o Reitor da PUC do Rio de Janeiro ofereceu um banquete ao Juscelino Kubitschek, colocou o Juscelino ao meio da mesa, ele sentou à direita, pôs o Edmundo Soares a esquerda e os dois juntos pressionaram Juscelino Kubitschek para ele destinar uma verba da COSUPI para PUC-RJ ora a verba não era para a PUC-RJ, a verba era para as Escolas que eles estavam vendo aqui por fora né, a PUC, Instituição Católica, eu sou partidário daquele velho ditado “Mateus e ma nos teus”, não é?

Cuida dela, dos seus recursos, não, aí avança em cima de dinheiro da COSUPI, Juscelino apertado entre Macedo Soares que era governador do Estado do Rio de Janeiro e o Reitor padre Alonso, despachou que à COSUPI deveria dar uma verba para a Universidade Católica. Não tem dúvida é só assinar o contrato e implantei o tempo integral

lá dentro da PUC certo? Danaram-se todos, sabe, que eles pegaram uma da verba mas em compensação a Universidade inteira amarra o negócio certo tem que ir para diante.

Hiro - Professor então que o Presidente Castelo Branco subordinou a COSUPI à CAPES na prática extinguindo a COSUPI.

Ernesto - A coisa foi muito simples. É que há um intermediário no meio que se chama Oliveira Brito, Ministro da Educação. Esse ministro homem de má memória, que eu não tenho não digo ódio, mas eu não gosto nem de pronunciar o nome porque eu acho que ele é um patife, verificou que a COSUPI ainda tinha contratos que não tinha assinado; um deles era com a Universidade Rural no km 47 então um dia ele me chamou no gabinete dele e disse “Olha prof. Oliveira o Senhor aqui propõe 20 milhões de cruzeiros para serem distribuídos à Universidade do Rural no km 47 para começar essa Universidade não pertence a Ministério da Educação para que gastar dinheiro nosso lá se aquilo nem é nosso?” Eu disse: “Senhor Ministro é que eu estou mais interessado no Ensino que o aluno vai receber do que da origem do dinheiro o dinheiro para mim a Caixa Econômica está fazendo, aí a Caixa Federal está imprimindo todo dia em quantidade, agora o ensino não? E o km 47, veja o Senhor uma coisa por mais estranho que pareça é uma Universidade que não tem uma Escola de Economia, pois um aluno lá nunca aprendeu o que é custo de colher, de secar, pragas, etc. É justamente para obrigá-los a ter coisas que a Universidade não tem, ele não olhava para a gente, ele ficava empurrando olhando para a mesa, falando, mas não dizendo nada; então eu achei que precisava por lá essa importância que é justamente para criação de um Curso de Economia Rural, não nenhum no Brasil. O Brasil é um país essencialmente agrícola, lá não tinha um curso de Economia Rural ninguém ensinava o agricultor como é que se a próprio custo no campo não havia isso, a Escola de Agronomia não ensinava, então o Ministro Oliveira Brito quando eu virei as costas pura e simplesmente, assinou um decreto me demitindo da COSUPI. Ficou dono do dinheiro todo. Aí fez o que quis com o dinheiro e eu claro caí fora.

Hiro - Em que governo, sob que presidência?

Ernesto - Governo João Goulart. Não foi possível defender a COSUPI a ganância do baiano, mas não aproveitou nada sabe, eles esqueceram que não é dinheiro que faz a sorte. Americano sabe bem disso, tanto quanto deu dinheiro par Turquia ele mandou os especialistas lá.

Luitgard - O governo Americano ponto 4 deu alguma para essa...

Ernesto - Para COSUPI. Aliás ponto quatro eu consegui recorrer de ponto quatro e muito grande, mas para São José do Campos.

Luitgard - Para a COSUPI nada?

Ernesto - Para a COSUPI não.

Luitgard - Só para São José dos Campos.

Ernesto - Isso aqui é exclusivamente(?) do Brasil.

Luitgard - E como foi o dinheiro do ponto quatro para São José dos Campos.

Ernesto - Eu fui, falei com o Embaixador, arranjei uma carta para Washington, fui a Washington e discuti com as autoridades de Washington e propus que eles ajudassem a fazer uma boa escola de Engenharia, nós já tínhamos uma escola que era muito boa mas que podia melhorar muito se eles nos ajudassem que nós tínhamos o curso que chamamos graduação primeiro diploma profissional e nós queríamos fazer o curso de Doutorado em Engenharia Mecânica. Só podemos fazer isso com a ajuda do contrato.

Luitgard - Como foi essa ajuda?

Ernesto - Ah! Não me lembro.

Hiro - Não, o Senhor tem a implantação do Curso de Engenharia Mecânica e a Pós-graduação do ITA, no final da década de 50 para a década de 60?

Ernesto - O senhor está bem informado.

Luitgard - Mas isso veio com o pessoal também ou só com o dinheiro?

Hiro - O pessoal americano?

Ernesto - Não, a sorte é que nós precisamos de pessoal, então eles contrataram lá pessoas altamente competentes, eles propuseram para o Casimiro Montenegro Filho em São José, Montenegro aprovou nós os tivemos em São José trabalhando conosco durante muitos anos, nos ajudaram muito. Nós nunca teríamos feito Curso de Mecânica e o Doutorado em Mecânica se nós não tivéssemos ajuda do contrato. Aliás foi uma coisa extraordinária porque não é uma coisa que eles ajudem estrangeiro, eles em geral não gostam de ajudar técnico, preferem dar o dinheiro e deixar o sujeito se quiser roubar um bocado, eles não se incomodam muito.

Luitgard - Professor havia alguma condição nesse acordo para eles trazerem essa tecnologia?

Ernesto - Nos deram isso francamente, não exigiram coisa alguma. Não exigiram nem os nomes, eles propunham e nós aceitávamos ou não. Foi uma temporada em que o Governo Americano procedeu com grande distinção conosco, o que geralmente eles não costumam fazer.

Hiro - Bem, o Senhor havia dito que a Turquia recebia recursos dos Estados Unidos em troca de bases para vigiar a União Soviética.

Ernesto - Lá na Turquia.

Hiro - Sim.

Luitgard - E aqui?

Ernesto - Aqui o problema é diferente. A porta que nós temos ali no norte chama Natal.

Hiro - Foi contra essa porta que veio o projeto ITA-CTA para o Brasil?

Ernesto - Não, a ponte veio por negociações políticas pelo menos eu não tomei a menor parte nisso.

Hiro - O ITA não é a contra partida americana das negociações que envolveram as bases do Nordeste?

Ernesto - Nada...

Luitgard - Isso aí tem a ver com o barco da borracha da Amazônia.

Ernesto - Nada, borracha da Amazônia é outra coisa.

Hiro - Porque professor, o professor Richard Smith tinha uma certa idade, mas ele era professor da mais importante Instituição de Engenharia dos Estados Unidos que era o EMAITI, Richard Smith e ele trouxe muita gente (?) era um homem de grande nome no mundo todo e veio com o grupo que quase na mesma época não é? Esse pessoal veio para o Brasil sem que houvesse efetivamente algum acordo ou convênio com s Estados Unidos.

Ernesto - Sem que houvesse acordo nenhum foram gente nossa, oficiais da Aeronáutica que estavam estudando no EMAITI na ocasião na Califórnia, Istitute of Tecnology que procuravam esses homens e propuseram a eles de virem para cá, Theodore veio para o Brasil sem o menor compromisso com o governo brasileiro.

Hiro - Veja bem professor, para a constituição da indústria siderúrgica foi um grande problema que envolveu diplomatas, oficiais do exército, o seu amigo Edmundo Macedo Soares e Silva, não é? Contra partida, não é? Dos Estados Unidos do Brasil etc..

Ernesto - Aí era a ocasião de base, lá no Recife em Natal.

Hiro - Quer dizer(?)

Ernesto - Pode assegurar o Senhor que essa outra parte não envolveu absolutamente nada.

Hiro - Porque era um projeto tão ambicioso quanto, né?

Ernesto - Pois é. Esta segunda parte, foi totalmente dirigida por mim. No final quem trouxe os americanos não foi propriamente eu, foi um americano que veio de lá, foi o Reitor de São José dos Campos, depois do Smith chamava-se é um homem muito hábil e que conseguiu com o Embaixador resolver um problema que eu estava esperneando e não resolvia a verdade verdadeira mesmo é, eu não consegui resolver esse problema. O Embaixador tirava o corpo . Tirava o corpo, tal e coisa e era para depois, mas o fato é que não vinha.

Hiro - Recurso do ponto quatro.

Luitgard - Qual era o problema?

Ernesto - O problema de arranjar professor de Mecânica de auto nível para fazer-mos um curso de Doutorado em Mecânica. Eu não consegui quando o professor (?) não me lembro...

Hiro - Staimberg, Samuel Staimberg?

Ernesto - Staimberg, que boa memória tem este jovem. Staimberg, exatamente...foi o Staimberg que resolveu o problema Oliveira Júnior, zero.

Hiro - O Richard Smith além de professor do M.I.T., ele era chefe de Departamento da Aeronáutica do M.I.T., ele tinha algum cargo no governo americano?

Ernesto - Quando ele voltou para lá...

Hiro - No Departamento de História.

Ernesto - ...é, quando ele voltou daqui para lá ele foi nomeado chefe de serviço de avaliação de novas armas no Pentágono.

Hiro - Sim, mas antes de ele vir para cá, ele não tinha cargo no Departamento de Estado?

Ernesto - Absolutamente nada antes dele vir para cá, ele tinha passado três anos na Alemanha trabalhando com um daqueles especialistas Aerodinâmicos. Agora foi ele sem dúvida alguma que teve a idéia fundamental de fazer vários Institutos lá no ITA, sabe que ITA é a cúpula, não é, a cúpula administrativa da Escola. Ela é dividida na realidade em quatro subdivisões: a primeira delas é o Instituto de Pesquisas e desenvolvimento a 2ª, 3ª e

a 4ª nunca foram implementadas da que nós não precisamos dela felizmente. Elas só deveriam ser implementadas em caso de conflito na América do Sul.

Luitgard - Quais eram essas, quais seriam?

Ernesto - Seriam organismos capazes de articular a Engenharia do C.I.A. com a indústria bélica brasileira, mas nunca foram implementadas.

Luitgard - Mas foram criadas?

Ernesto - Não foram criadas, ficaram no projeto (?) um rapaz extremamente ativo chamado Alzo Vieira da Rosa que era professor de São José e casado com uma moça finlandesa que morava em uma daquelas pequenas cidades lá da Califórnia, o Aldo Vieira da Rosa que depois veio a ser até durante uma temporada, presidente do Conselho Nacional da Pesquisa, ele ficou presidente até o momento em que foi andar de planador e bateu com a ponta do planador numa chaminé e quebrou a perna. Aí desmantelou tudo.

Hiro - Professor eu encontrei uma carta do professor Smith dirigida ao Coronel Montenegro indicando um nome de um professor do ITA para compor como assessor o CNPq, porque o Almirante Álvaro teria procurado o coronel para que o Coronel indicasse um professor do ITA no processo de elaboração do CNPq, o Senhor tem alguma informação sobre esse processo?

Ernesto - Não senhor. Eu nunca me envolvi com o Conselho Nacional de Pesquisa porque nunca acreditei nele, veja que é uma organização de gente que só se esperava por verba só isso. Eles não tem base para fazer a coisa compreende, eles não tem base para poder realizar alguma coisa na dimensão do Brasil. O Senhor não pode fazer uma organização que fica perdida e solta no espaço, não tem contato com a realidade. O problema todo tem que ligar diretamente com os organismos que estão trabalhando e orientar essa gente no rumo em que interessa ao país.

Luitgard - Mas com a demissão acaba a COSUPI?

Ernesto - Não a COSUPI não acaba, porque o Congresso que está dando dinheiro, o Congresso continua a dar dinheiro, mas o bom baiano pegava o dinheiro e punha na CAPES que era dirigida lá pelo amigo Anísio Teixeira, né, e lá eles gastavam o dinheiro da COSUPI.

Hiro - Mas então porque o Governo Castelo Branco não manteve a COSUPI, ele praticamente extinguiu a COSUPI na prática subordinando à CAPES.

Ernesto - É que eu não estava mais interessado naquilo.

Hiro - E onde o senhor estava na época?

Ernesto - Eu não queria mais voltar. Me aborreci muito, como não podia deixar de ser não tinha o menor interesse em voltar a ter contato com os reitores, só que veja bem, como eu vivo inteiramente à margem de todo movimento universitário brasileiro, né.

Luitgard - Não tanto à margem acompanhando inteiramente.

Ernesto - Inteiramente à margem porque mal não é. Só falo mal, estou falando mal do exame de admissão, falando mal de uma porção de coisas.

Luitgard - Tudo bem, mas o Senhor chegou a ser consultado para poder retornar com o Senhor Castelo Branco depois de 64?

Ernesto - Não senhor, eu estava nesse momento na Escola Superior de Guerra, de modo que eu não tinha o menor interesse em retornar, tornar encontrar. Imagine se eu dou de cara com o Oliveira Brito.

Hiro - É mais fácil, porque ele fazia parte de um governo que tinha caído e o Senhor fazia parte de um governo vencido?

Ernesto - É claro que se eu tivesse lutado para me fazer a COSUPI.

Hiro - Porque o Senhor estava nessa (?) brasileira o Castelo Branco em um...

Luitgard - ...seu aluno.

Ernesto - Não, ele não era meu aluno propriamente. Ele era o chefe lá da organização o homem de maior prestígio e era realmente um homem muito inteligente, eu gostava muito dele. Agora evidentemente a Escola Superior de Guerra foi criada para 1949, 39 já nem sei mais. Eu tenho lá um quadro que fala a data do mês que eu ingressei lá, mas hoje em dia ela está precisando de uma reformulação principalmente porque a orientação militar e a orientação civil que devem andar sempre juntas sem sombras de dúvidas para que haja ordem no país não é tão ainda segurado que a escola representa. O que é a Escola Superior de Guerra nesse exato momento as aulas começaram ontem. Hoje foi a aula dada pelo diretor da escola eu como adoentado não fui à escola não fui ontem, não fui hoje e não vou amanhã; mas a Escola Superior de Guerra é um organismo que aqui cumpre funções de duas Escolas diferentes lá na América, mas tem uma escola que é mais ou menos a nossa que segura orientação de interferir na vida civil e uma outra que é só voltada só para os

assuntos de natureza militar como é que nós vamos ficar aqui no Brasil ainda eu não sei meus colegas é que vão resolver.

Hiro - Professor na década de 60 lá o Senhor viu a organização do BNDE Funtec quer dizer, recursos do BNDE com Roberto Campos próximo num apoio `a área tecnológica no Brasil.

Ernesto - O Senhor viu, não é.

Hiro - Como o Senhor viu essa iniciativa do BNDE?

Ernesto - Eu achei interessante e inútil.

Luitgard - Por que inútil?

Ernesto - Inútil porque a coisa foi feita Roberto Campos evidentemente não sendo educador e não conhecendo os problemas tremendos para tecnificação de uma sociedade, porque é isso que nós estamos fazendo a idéia que ele trouxe lá das reuniões de nossa comissão era colocar no BNDE a possibilidade de que cada empresário que fizesse um empréstimo pudesse além do seu empréstimo tirar uma parcela de 3 a 5 % para empregar em pesquisa onde quiser, então ficava o particular com direito de não só a pleitear ajuda do BNDE para o que ele queria, mas ainda receber uma verbazinha para desenvolver o tipo de pesquisa que interessava a ele. Ora, sabemos nós muito bem que nesse tempo em que isso foi feito toda tecnologia brasileira era importada tudo era na época em que nós começamos a fazer a substituição de importações, os donos da fábricas não sabiam em que investir e esse dinheiro sobrava lá no BNDE.

Hiro - Não sabiam ou não queriam efetivamente?

Ernesto - Não, não eles não sabiam e principalmente fazer pesquisa neste campo para achar o resultado em que a sua indústria está obsoleta, que precisa mudar e inverter mais 10 vezes o capital que ele já tem lá era coisa que não interessava a eles, por isso é que aquilo eu não acreditei muito.

Hiro - Porque não interessava professor, porque o empresário não é visto em todas as teorias econômicas como entre efetivamente inovador em busca de novas tecnologias de uma nova técnica de administração que gere mais recursos?

Ernesto - É isso que a fundidora de tubos (?) procura fazer, é isso que a fábrica de parafusos de São Paulo procuram fazer. O que eles querem e que eles viram a máquina nova que produz 10 vezes o que eles produzem por unidade de tempo. Eles querem

comparar aquela máquina e trazer para cá. O grande problema era importar tecnologia pronta com projeto ou uma máquina não é ou um construtor isso é que o Roberto Campos facilitou para eles não quero dizer que eles não tenham usado devem ter usado, principalmente porque agora eles tem lá uma rapaziada nova sob a direção de Pelúcio Ferreira estava muito interessado em desenvolver a importação de tecnologia do exterior, para cá eu fiquei com pena do Pelúcio, eu disse a ele “Pelúcio, você está perdendo tempo nisso, você não vai poder chegar na Alemanha ver que a fábrica Volkswagen lá inventou uma nova prensa que trabalha muito melhor que essa nossa aqui e vai convencer a filial deles aqui no Brasil a substituição a precisa pela de lá, problema aqui é capital, não pode; o problema de absorção de tecnologia é um problema gigantesco compreende e a meu ver não se resolve a não ser através da COSUPI, porque vai ter que fazer primeiro engenharia aqui. Agora veja o Senhor por outro lado, o desastre que aconteceu a propaganda da tecnologia era tão grande que fundaram-se Escolas de Engenharia em toda parte inclusive eu tenho um sobrinho foi um dos melhores alunos da Escola Nacional de Engenharia formou-se com nota otimíssima, depois ficou um ano inteiro no Clube de Engenharia pleiteando um emprego, não arranjou. Arranjou um emprego na América do Norte, aí foi para lá. Quer dizer nós perdemos um excelente elemento. No Clube de Engenharia existem dezenas de engenheiros desempregados.

Hiro - Por quê?

Ernesto - Porque a entrada de nova tecnologia não se faz sem capital. Não basta só ter...

Hiro - Professor só para encerrar o Senhor fazia um elogio antes a Michael Gorbachov e seu novo livro porque o seu elogio a Gorbachov nesse livro?

Ernesto - Esse homem enxergou o que nós não tínhamos enxergado aqui, e foi ele que me permitiu ver com clareza. O papel que a Revolução de 1917, ele mereceu. O papel tremendo que esse homem me meserou aqui foi o Senhor José Stalin matando 15 milhões de russos para poder por as coisas na ordem que ele queria e depois ele ter coragem no fim de dizer que apesar disso tudo eles fizeram muitos erros e que por isso precisam manter a história né. Eles precisam mudar, se ele se precisam mudar imagine nós que não saímos de lugar. Então toda eu ando com esse livro na mão, levei esse livro para todos os comandantes da minha escola todas as autoridades de nível superior, mostrei a eles vocês precisam ler que esse livro é escrito por um homem curiosíssimo. Eu tenho grande

admiração por Gorbachov, é um homem que tem coragem de dizer as coisas. Ele teve coragem de chegar ao chefe da maior potência que se opõe a ele. Aliás sabe que o Reagan chamou a Rússia de Império do Mal e ele ficou dolorido chegou ao Reagan e disse que o Reagan estava completamente errado “Hoje em dia ele” disse lá em (?) “a América não assusta mais a Rússia tá escrito aqui que tudo que os senhores fizeram lá para melhorar a sua capacidade ofensiva nós temos capacidade para destruir do lado de cá. Tudo que os engenheiros americanos fizeram nós temos capacidade aqui na Rússia para não permitir que a Rússia seja destruída, uma vez que eu parto do princípio e que não vai haver um confronto.